

SER E LINGUAGEM: ESTUDOS SOBRE *UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES*, DE CLARICE LISPECTOR

BEING AND LANGUAGE: STUDIES ON *AN APPRENTICESHIP: OR THE BOOK OF DELIGHTS*, BY CLARICE LISPECTOR

Luciana de Barros Ataíde¹

lu.c.aba@gmail.com

Resumo: O presente artigo pretende fazer uma leitura da construção da Linguagem em *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector, a partir de uma abordagem acerca dos aspectos inerentes ao Ser como existência, essência, escolha, angústia, liberdade, dor; tais aspectos vistos sob o prisma schopenhauriano e freudiano. Isso porque a estratégia discursiva de Clarice, ao criar os personagens Loreley e Ulisses, envereda-se pelos caminhos do questionamento da realidade. Por essa via, formula-se uma nova qualidade de experiência envolvida na escrita, uma nova perspectiva pela qual a linguagem é concebida, já que, para a escritora, o mais importante que ficcionalizar um fato é praticar o autoconhecimento e o alargamento do conhecimento do mundo através do exercício da linguagem e do silêncio, visto também como forma de expressão.

Palavras-chave: Ser. Linguagem. Existência. Dor. Silêncio. Clarice Lispector.

Abstract: The present article intends to make a reading of Clarice Lispector's construction of Language in *An Apprentice or the Book of Pleasures*, based on an approach about the inherent aspects of Being as existence, essence, choice, anguish, freedom, pain; Such aspects seen under the schopenhaurian and Freudian prism. This is because Clarice's discursive strategy, in creating the characters Loreley and Ulysses, goes through the ways of questioning reality. By this way, a new quality of writing experience is formulated, a new perspective by which the language is conceived, since for the writer more important than ficcionalizar a fact, is to practice the self-knowledge and the extension of the knowledge of the world Through the exercise of language and silence, also seen as a form of expression.

Keywords: Being. Language. Existence. Ache. Silence. Clarice Lispector.

1 Notas iniciais

Clarice Lispector foi uma escritora que surgiu no cenário da Literatura Brasileira na terceira fase do período modernista (década de 1940), momento no qual artistas começaram a se ocupar de uma produção livre, com teorias intimistas, logo, voltada a reflexões filosóficas existenciais. Tais temáticas podem ser percebidas ao se adentrar no universo ficcional de

¹ Doutoranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA/PPGL) – Belém/Pará.

Clarice, seja na liberdade da construção dos diálogos, seja no relevo das angústias de suas personagens nos momentos de solilóquios.

Assim, pensar o texto literário e refletir sobre o Ser e a Linguagem na literatura de Clarice Lispector são questões inerentes a um trabalho que, aparentemente, pode ser óbvio, mas que, na verdade, demanda imensa coragem porque se pode correr o risco de não alcançar o propósito desejado, uma vez que a escritora foi considerada (e ainda o é), por muitos críticos, como escritora difícil e hermética. Talvez essa dificuldade se deva ao fato de que, nas obras de Clarice, a linguagem desperta os mais variados sentimentos no leitor: surpresa, reflexão, identificação, êxtase, angústia, estranhamento, alegria... E é através dessa mesma linguagem que, a todo momento, acontece uma nova descoberta, e isso conduz o indivíduo a uma tomada de consciência de sua condição de ser humano, de sua existência, da existência do outro.

Essa revelação mostra que, na literatura clariciana, a escrita é comprometida tanto com a Linguagem quanto com o Ser, logo, repleta de qualidade estética, uma vez que possui a natureza de proporcionar ao indivíduo a liberdade de fazer de si instrumento de constante evolução, conforme a obra *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* mostra ao flagrar a personagem Lóri nos momentos em que busca a si mesma e é tomada pela angústia: “... então do ventre mesmo, como um estremecer longínquo de terra que mal se soubesse ser sinal de terremoto, do útero, do coração contraído veio o tremor gigantesco duma forte dor abalada... então sentou-se para descansar...” (LISPECTOR, 1998, p. 13-14); quando busca a aprendizagem: “Então havia alguma coisa que se podia aprender... o quê? Aos poucos saberia, certamente.” (p. 76); e quando identifica a resposta à busca: “Achava agora que a capacidade de sofrer era a medida de grandeza de uma pessoa e salvava a vida interior dessa pessoa” (p.156).

Nesses excertos, é possível notar que, no que tange à qualidade estética do homem, as narrativas de Clarice apresentam uma linha de estudos que passa pelas considerações apontadas por Friedrich Schiller (1963). Para esse poeta, a qualidade estética, no homem, é aquele bem que lhe permite a autodeterminação; em outras palavras, ser estético é fazer realizar em si e no coletivo a própria natureza do homem, que é o apetite pela liberdade na qual reside a justeza do caráter humano.

Com relação ao processo criativo, Olga de Sá (1979), em *A escritura de Clarice Lispector*, diz que Clarice “retoma aquela linhagem de invenção, dos raros que fizeram a ‘exploração da palavra’” (p. 130). Essa exploração se observa no uso dos clichês morais que os desgasta e retira o leitor da automatização da leitura. Isso acontece devido ao inevitável

estranhamento do leitor mediante algumas imagens e expressões. Isso é o que pode ser observado no romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*², em passagens como: “o desejo infantil de ter tudo mas sem a ansiedade de dever dar algo em troca?” (LISPECTOR, 1998, p. 19); [...] “Agora é a indiferença de um perdão” (p. 22); [...] “Tenho sido a maior dificuldade no meu caminho” (p. 31) e [...] “morrer é que é o paraíso”. (p. 35).

Essas expressões apresentadas na narrativa de Clarice demonstram que a autora se insurge contra a linearidade discursiva. Esse rompimento dá-se, na maioria das vezes, pelo silêncio, pois o impronunciável se manifesta como peça fundamental. O silêncio, em Clarice, é a origem, a causa da narrativa e, ao mesmo tempo, o polo para o qual se dirige a palavra.

Essa narrativa silenciosa que Clarice apresenta ao leitor trata-se de uma construção na qual a personagem central irrompe de seu cotidiano como uma explosão existencial na busca do conhecer-se. Loreley, uma professora primária, cuja família se encontra em decadência, vive sozinha no Rio de Janeiro e passa por uma crise de identidade. A presença do outro, materializada pelo professor de filosofia Ulisses, parece responder, em um primeiro plano, à necessidade dessa busca, porém, aos poucos, o leitor vai percebendo que Ulisses apenas auxilia Loreley para que ela chegue ao encontro do autoconhecimento. Outro aspecto importante nessa narrativa é que começa com uma pausa (vírgula) e termina anunciando a palavra (dois pontos). Isso situa o leitor entre o respirar e o discurso que está por vir. Ao se observar que Ulisses e Loreley aprenderam a amar, aprenderam o prazer, aprenderam a ser felizes e perguntam-se: o que vem depois?

Nessa perspectiva, cabe ressaltar que a escrita de Clarice Lispector apresenta uma reflexão interior e sugere a busca por uma saída. Diante disso, é possível notar que a narrativa de *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres* não é construída de forma linear, pois o fluxo de consciência e o espaço marcado pela impressão individualizada da ação parecem conduzir para a tentativa de compreensão do sentido da vida. Tais apontamentos são explicitados por Alfredo Bosi (1997), ao se referir a Clarice:

O uso intensivo de metáfora insólita, a entrega ao fluxo da consciência, a ruptura com o enredo factual têm sido constantes do seu estilo de narrar [...] Há na gênese de seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que, a certa altura de seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise. O espírito perdido no labirinto da memória e da auto-análise reclama um novo equilíbrio. Que se fará pela recuperação do objeto. Não mais na esfera do convencional do algo-que-existe-para-o-eu (nível psicológico), mas na esfera da sua própria e irredutível realidade. O sujeito só se salva aceitando o objeto como tal; como a alma que, para todas as religiões, deve reconhecer a

² O romance *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres* teve sua primeira edição em 1969. Contudo, neste trabalho, será usada a edição de 1998.

existência de um Ser que a transcende para beber nas fontes da sua própria existência. Trata-se de um salto do psicológico para o metafísico, salto plenamente amadurecido. (BOSI, 1997, p. 479).

Dessa visão, Benedito Nunes (1995) procurou estudar teorias que pudessem iluminar a obra da escritora e encontrou, nas proposições filosóficas de Martin Heidegger, Jean Paul Sartre e Soren Kierkegaard, uma nova forma de se ler Clarice Lispector, mostrando novas perspectivas para a literatura brasileira. Na corrente proposta por Nunes, é possível compreender a busca empreendida pela personagem Loreley, de *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, pois, assim como outras narrativas de autoria dessa escritora, é uma obra que se aproxima da filosofia da existência, já que conhecer é o destino do homem, por isso ele se recusa a ser apenas natureza. Essa reflexão existencial pode ser observada em passagens como:

Mais uma vez, nas suas hesitações confusas, o que a tranqüilizou foi o que tantas vezes lhe servia de sereno apoio: é que tudo o que existia, existia com uma precisão absoluta e no fundo o que ela terminasse por fazer ou não fazer não escaparia dessa precisão... (LISPECTOR, 1998, p. 18).

Dessa passagem, pode-se inferir a presença do movimento contínuo de narração e suspensão sobre o qual a obra de Clarice é construída. Isso cria um efeito misto de realidade banal do cotidiano doméstico com o insólito gerado pela metamorfose imaginativa. Assim, nessa dupla articulação, a história vai-se criando por espaços abertos e por canais de comunicação com o eu profundo da subjetividade. À medida que a comunicação vai-se adensando, a busca ontológica transforma-se em uma angústia severa diante do mundo, das coisas e de si mesma. Logo, o tema da angústia é mais um ponto inerente à obra de Clarice, e, por conseguinte, à filosofia da existência.

2 O silêncio fala; ele também é expressão

O compasso silencioso da narrativa de Clarice Lispector é também o grande destaque da obra *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*. A primeira percepção do silêncio na narrativa de Clarice ocorre pelo discurso indireto livre observado no monólogo que compõe a narrativa. Em relação a isso, Olga de Sá diz que

O monólogo representa um mergulho no fluxo de consciência das personagens para colher a gênese dos pensamentos e sentimentos, coordenadas do mesmo dualismo interior em que parece debater-se a romancista: o desejo de viver ou analisar a consistência da vida; participar do sangue grosso da existência ou atirar-se no jogo da escritura. (SÁ, 1979, p. 145).

Com tais apontamentos, é possível notar que, nas narrativas de Clarice, o silêncio possui e possibilita muitas formas de reflexão e indagação, as quais desembocam em uma busca pelo sentido da vida. Isso porque a escrita da autora é entremeada pelo silêncio que perpassa dois pontos importantíssimos: o indizível e o vazio. Thomas Merton diz que

Na solidão, permanecemos diante da realidade crua das coisas. E, no entanto, descobrimos que a crueza da realidade que nos inspirou temor, não é causa nem de temor nem de vergonha. Está revestida da amável comunhão do silêncio, e esse silêncio está relacionado com o amor. (MERTON, 2001, p. 68).

O pensamento de Merton, ao relacionar o silêncio com o amor, vai ao encontro das palavras de Benedito Nunes sobre Clarice Lispector, quando o filósofo diz que “a visão última, estonteante, que provoca do espírito a tensão máxima da angústia e do silêncio atravessa o corpo aparente das coisas para atingir a existência universal em sua nudez” (NUNES, 1969, p. 127).

Esses apontamentos mostram que a linguagem silenciosa de Clarice Lispector é caracterizada pelo desnudamento. De acordo com Olga de Sá (1979), o ato da escrita era, para Clarice, uma forma de compreender a própria vida. A escritora considerava a palavra um instrumento que servia de exorcismo de seus fantasmas. Quando a linguagem é tomada como forma de compreensão da própria vida, ela passa a estar envolta pelo silêncio, uma vez que ele é o intervalo mediador entre a busca existencial e a tentativa de compreensão dos elementos sociais que determinam os comportamentos humanos. Isso significa que linguagem e sujeito estão em constante movimento, transitando entre o dito e o não dito. Na obra *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, Clarice expõe esse transitar, quando apresenta um dos aspectos da relação entre Loreley e Ulisses: “... o que não soubesse ou não pudesse dizer, escreveria e lhe daria o papel mudamente — mas dessa vez não havia sequer o que contar” (LISPECTOR, 1998, p. 16).

Aqui é possível observar, de um lado, a escrita como forma de transmitir o que não se consegue dizer; do outro, a total ausência de verbalização. Logo, o silêncio faz-se presente como forma de mostrar as reflexões que podem ser realizadas também pelo sentir, já que Loreley, após a ausência da palavra, “apelara histericamente para tantos sentimentos contraditórios e violentos” (LISPECTOR, 1998, p. 16). Esse silêncio é a cadência da história de Loreley, pois ela precisa ser apreendida pelo leitor para configurar um signo comum da construção da afetividade, uma afetividade sã, um encontro consigo e com o outro.

Com relação ao silêncio presente na narrativa, as considerações de Santiago Kovadloff (2003) corroboram o que é manifestado por meio da linguagem utilizada por Clarice, pois,

para Kovadloff, há duas modalidades de silêncio: o da oclusão e o da epifania. O da oclusão corresponde a uma palavra rejeitada; há um discurso que é possível, mas que é rejeitado pelo medo. Já o silêncio da epifania relaciona-se à revelação plena da palavra. Este é o que se pode encontrar no romance de Clarice. Ele é reconhecido pela personagem Loreley como algo onipotente, primordial que, ao mesmo tempo em que é apreendido, nada revela.

O silêncio é a profunda noite secreta do mundo. E não se pode falar do silêncio como se fala da neve: sentiu o silêncio dessas noites? Quem ouviu não diz. Há uma maçonaria do silêncio que consiste em não falar dele e de adorá-lo sem palavras. (...) Mas há um momento em que do corpo descansado se ergue o espírito atento, e da Terra e da Lua. Então ele, o silêncio, aparece. E o coração bate ao reconhecê-lo: pois ele é o de dentro da gente. Pode-se depressa pensar no dia que passou. Ou nos amigos que passaram e para sempre se perderam. Mas é inútil esquivar-se: há o silêncio. Mesmo o sofrimento pior, o da amizade perdida, é apenas fuga. Pois se no começo o silêncio parece aguardar uma resposta — como arde, Ulisses, por ser chamada e responder; — cedo se descobre que de ti ele nada exige, talvez apenas o teu silêncio. (LISPECTOR, 1998, p. 37).

É possível observar que aqui, nesse momento de reflexão de Loreley, o nada não é o vazio da oclusão, mas sim o nada que transcende a palavra comum, que se aproxima do indizível, do sublime. É o momento em que o silêncio exige apenas o silêncio do Ser. Assim, o silêncio do Ser, no texto clariciano “apresenta-se como uma arquitetura escritural cujo projeto diagramático, sintático e rítmico sintetiza, num plano estético, a sua percepção do mundo sensível, através do trajeto de seu olhar, orientado pelas pulsões internas” (KADOTA, 1997, p. 41).

Pelas pulsões internas, Loreley assume o risco de buscar no interior respostas às inquietações inerentes ao ser humano, como se observa em: “no próprio coração da palavra se reconhece o silêncio” (LISPECTOR, 1998, p. 39). Assim, é possível atribuir ao silêncio um lugar de reflexão; um vazio em que o indizível é relacionado a algo ainda oculto, mas que existe. Esse silêncio metaforizado representa, ao mesmo tempo, ausência e presença.

Nota-se, então, que o silêncio tem um papel extremamente relevante, já que é o pressuposto da incompletude da linguagem, uma vez que o dizer não dito é um espaço que permite o deslocamento do sujeito e dos sentidos. Isso fica bem nítido no romance de Clarice, especialmente porque a personagem Loreley reconhece que “Há um grande silêncio dentro de mim. E esse silêncio tem sido a fonte de minhas palavras. E do silêncio tem vindo o que é mais precioso que tudo: o próprio silêncio” (LISPECTOR, 1998, p. 56).

Assim, no silêncio, o sentido é múltiplo, pois ele é constitutivo, é independente da linguagem, é o que impulsiona aquilo que é preciso não dizer para poder dizer. Vale ressaltar

ainda que o silêncio não deve ser tomado como algo implícito, uma vez que ele, para significar, mantém relação com o dito.

3 Nos limites da dor e do prazer: a condição humana

Um estudo que aborde a temática da condição humana passa pelo pensamento schopenhauriano, já que questões como sofrimento, dor, alegria e o saber viver são inerentes ao pensamento do filósofo alemão e, indiscutivelmente, dilemas da existência humana.

O romance de Clarice Lispector *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, que começa com uma vírgula e finaliza com dois pontos, pode ser associado à existência humana. Isso porque pode ser pensado sob a perspectiva de algo que começa a ser observado a partir de um momento depois do início e também por indicar que não se trata do fim, mas de algo contínuo. Logo, está associado à captura de um instante, ou seja, associa-se à apreensão de um momento ou de um pensamento no instante em que ele surge. Assim, lembra a captação de um instante da existência humana, logo, de sua condição de ser existente.

Arthur Schopenhauer foi um dos primeiros pensadores a afirmar que o homem não é dono dos próprios atos por ser movido por uma força inconsciente que o leva a desejar uma série de coisas das quais ele não tem sequer a real dimensão. Por isso, o pensador atesta que “a nossa receptividade para a dor é quase infinita, mas o mesmo não ocorre com nossa receptividade para o prazer, que tem limites estreitos” (SCHOPENHAUER, 2007, p. 113).

Por ser um pensador imbuído da preocupação para com os rumos da raça humana, Arthur Schopenhauer foi seguidor de algumas ideias de Platão e Kant, no que tange à sensibilidade pelo sofrimento humano. Para o pensador, as alegrias humanas são raras e ilusórias, enquanto as dores e as angústias são mais constantes e numerosas. Logo, o ponto de partida para os estudos de Schopenhauer são as experiências concretas do homem como a fome, a sede, a sexualidade, os medos, as alegrias e, sobretudo, a vontade que, para ele, é o que mantém o homem vivo e em movimento. A vontade é uma força que comanda a vida humana, pois “tudo o que se opõe à nossa vontade nos é desagradável e dolorido”. (SCHOPENHAUER, 2007, p. 113).

A partir desse ponto é que se chega ao sofrer, uma vez que o indivíduo busca muitas coisas durante toda sua vida, mas nunca se satisfaz com a coisa desejada. Isso porque, após a obtenção do que se deseja, vem o tédio e move o homem na busca de outro objeto do desejo. Logo, o homem nunca para de desejar, conseqüentemente, nunca para de sofrer. A concepção do homem como “sinônimo” de sofrimento foi também amplamente desenvolvida por

Sigmund Freud, em sua obra *O mal-estar na Civilização* (2004). Para o psicanalista, o psiquismo e a civilização estão constituídos de tal forma que tornam a meta da felicidade inalcançável. Ele associa a concepção de princípio do prazer a um modo de organização que, por governar o psiquismo desde o início da vida, baseia-se na busca do prazer, mas também na “evitação” de sofrimento.

Ao se aplicar tal concepção freudiana à obra de Clarice Lispector *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, tendo como ponto de referência a personagem Loreley, é possível observar que a vivência humana transita pelos domínios da dor e do prazer. Na obra clariciana há um momento em que Loreley, dialogando com Ulisses, diz:

— Meu mistério é simples: eu não sei como estar viva.
— É que você só sabe, ou só sabia, estar viva através da dor.
— É.
— E não sabe como estar viva através do prazer?
(LISPECTOR, 1998, p. 90-91).

Essa passagem da obra remete aos estudos desenvolvidos por Sigmund Freud no que tange à investigação do propósito da vida com base no comportamento humano. Ele afirma que os homens se esforçam para alcançar e preservar um estado feliz, e que a aspiração à felicidade possui dois lados, “uma meta positiva e outra negativa: por uma parte, [os homens] querem a ausência de dor e de desprazer; por outra, vivenciar intensos sentimentos de prazer” (FREUD, 2004, p. 76). Em relação a essas considerações freudianas, é possível observar que, na obra de Clarice Lispector, faz-se presente a temática da busca do prazer, algo inerente à condição humana. Somado a essa busca, há a constatação de que o homem nunca para de sofrer, porque as possibilidades de sentir infelicidade são muito maiores, pois não há uma forma de se conseguir a felicidade absoluta, já que isso significaria o estado zero de tensão.

Nos questionamentos acerca da presença da infelicidade, Freud (2004) afirma que ela provém de fontes como o corpo, o mundo externo e os relacionamentos humanos. Mais uma vez isso pode ser justificado na narrativa de Clarice a partir do seguinte diálogo entre Loreley e Ulisses, quando este diz “— E quem era de primeiro plano na sua vida?” (LISPECTOR, 1998, p. 95). E ela responde: “— Ninguém”. (LISPECTOR, 1998, p. 95).

Com essa é possível perceber a confirmação de Freud ao dizer que a infelicidade provém do mundo externo e dos relacionamentos humanos, já que Loreley, em suas palavras, afirma sentir-se insegura diante da aproximação das pessoas e até mesmo na relação com o mundo à sua volta, pois sua resposta evasiva demonstra solidão.

Em contrapartida, após experimentar a leveza do estado de graça, Loreley percebeu que esse estado trazia felicidade. Então, chega à conclusão de que

Também era bom que não viesse tantas vezes quantas queria: porque ela poderia se habituar à felicidade. Sim, porque em estado de graça se era muito feliz. E habituar-se à felicidade, seria um perigo social. Ficaríamos mais egoístas, porque as pessoas felizes o eram, menos sensíveis à dor humana, não sentiríamos a necessidade de procurar ajudar os que precisavam — tudo por termos na graça a compreensão e o resumo da vida. (LISPECTOR, 1998, p. 136).

Assim, constata-se que a obra de Clarice pode ser lida também sob o viés das concepções freudianas acerca da existência humana no que se refere à dor, felicidade e infelicidade, pois, pelas considerações de Loreley acerca de sua relação com a felicidade, é possível perceber que é comum os homens se considerarem felizes somente por terem escapado ao sofrimento, contudo é um estado que não se prolonga, já que não se pode existir e permanecer no estado zero de tensão.

Somadas aos estudos de Freud, há, no livro de Clarice, as considerações de Schopenhauer acerca do prazer tanto na figura de Loreley que “estava vibrando em puro desejo” (LISPECTOR, 1998, p. 16) quanto em Ulisses: “seu corpo era fino e forte, um dos motivos imaginários que fazia com que Ulisses a quisesse” (LISPECTOR, 1998, p. 16). Ao se perseguir a personagem Loreley no decorrer da narrativa, é possível perceber, com maior clareza, essas temáticas de inspiração schopenhaueriana. Logo no início do livro, a personagem Loreley é caracterizada como aquela que desconhecia o que é viver sem dor, já que ela se faz a seguinte pergunta: “Ser era uma dor?” (LISPECTOR, 1998, p. 21). Essa interrogação é precedida da constatação “... a condição não se cura, mas o medo da condição é curável”. (LISPECTOR, 1998, p. 20). Esses momentos de reflexões da personagem mostram como é a vida humana, quando sua existência é uma obrigação a cumprir. Mostram também que o tempo não para e a humanidade deve acompanhá-lo, contudo, em meio a esse se construir, sempre, vem a insatisfação porque o querer e o desejo são infinitos e nunca se consegue alcançar nada, nem mesmo o que possa satisfazer esse querer e esse desejo de forma a saciá-los. Loreley tenta negar o desejo de ver ou não Ulisses. A decisão de não o ver é seguida de uma sequência de interminável silêncio e vazio os quais se observam a partir do registro da passagem do tempo:

Haviam-se passado momentos ou três mil anos? Momentos pelo relógio em que se divide o tempo, três mil anos pelo que Lóri sentiu quando com pesada angústia, toda vestida e pintada, chegou à janela. Era uma velha de quatro milênios. /Não — não fazia vermelho. Era a união sensual do dia com a sua hora mais crepuscular. Era quase noite e estava ainda claro. Se pelo menos fosse vermelho à vista como o era nela intrinsecamente. Mas era um calor de luz sem cor, e parada. Não, a mulher não conseguia transpirar. Estava seca e límpida. E lá fora só voavam pássaros de penas empalhadas. Se a mulher fechava os olhos para não ver o calor, pois era um calor visível. (LISPECTOR, 1998, p. 22).

Das faltas:

Ah, e a falta de sede. Calor com sede seria suportável. Mas ah, a falta de sede. Não havia senão faltas e ausências. E nem ao menos a vontade. Só farpas sem pontas salientes por onde serem pinçadas e extirpadas. Só os dentes estavam úmidos. Dentro de uma boca voraz e ressequida os dentes úmidos mas duros — e sobretudo a boca voraz para nada. E o nada era quente naquele fim de tarde eternizada pelo planeta Marte. /Seus olhos abertos e diamantes. Nos telhados os pardais secos. "Eu vos amo, pessoas", era frase impossível. A humanidade lhe era como morte eterna que no entanto não tivesse o alívio de enfim morrer. Nada, nada morria na tarde enxuta, nada apodrecia. E às seis horas da tarde fazia meio-dia. Fazia meio-dia com um barulho atento de máquina de bomba de água, bomba que trabalhava há tanto tempo sem água e que virará ferro enferrujado: há dois dias faltava água em diversas zonas da cidade. Nada jamais fora tão acordado como seu corpo sem transpiração e seus olhos-diamantes, e de vibração parada. E o Deus? Não. Nem mesmo a angústia. O peito vazio, sem contração. Não havia grito. (LISPECTOR, 1998, p. 23).

Do não sentir e do querer:

Sensível? Não se sente nada. Senão esta dura falta de ópio que amenize. Quero que isto que é intolerável continue porque quero a eternidade. Quero esta espera contínua como o canto avermelhado da cigarra, pois tudo isso é a morte parada, é a Eternidade de trilhões de anos das estrelas e da Terra, é o cio sem desejo, os cães sem ladrar. É nessa hora que o bem e o mal não existem. É o perdão súbito, nós que nos alimentávamos com gosto secreto da punição. Agora é a indiferença de um perdão. Pois não há mais julgamento. Não é um perdão que tenha vindo depois de um julgamento. É a ausência de juiz e condenado. E não chove, não chove. Não existe menstruação. Os ovários são duas pérolas secas. Vou vos dizer a verdade: por ódio seco, quero é isto mesmo, e que não chova. (LISPECTOR, 1998, p. 24).

Essa sequência na qual a personagem Loreley é flagrada denuncia o misto de vontade reprimida, desejo irrealizado, condição humana que não se cura, prazer sem satisfação, existência da dor. A vontade reprimida pode ser observada no registro de Loreley quando a personagem reconhece a passagem de mil anos em alguns minutos e pela pesada angústia que sentia; o desejo irrealizado é observado nas ausências, na falta de movimento; a existência da dor é registrada pelo reconhecimento de não haver ópio que a amenize e a condição humana é vista no jogo de palavras que se opõem como: “cio sem desejo”, “bem e mal”.

O ponto inerente à condição humana é o que rege a filosofia de Arthur Schopenhauer e é o que possibilita a obra de Clarice Lispector ser lida sob esse viés. Para o pensador (2007), é da vontade de vida que provém todo o sofrimento, que é intrínseco à existência. Somente se aspira àquilo que não se tem: da falta do objeto desejado segue-se o sofrimento.

Nota-se com essas considerações que o estado de falta no qual se encontra Loreley é uma das causas de sua dor. Essa percepção é também comungada por Sigmund Freud. Ao introduzir o tema do princípio do prazer e da realidade, Freud diz que

O princípio de realidade não abandona o propósito de obtenção final de prazer, mas exige e consegue impor ao prazer um longo desvio que implica a postergação de uma satisfação imediata, bem como a renúncia às diversas possibilidades de consegui-la, e a tolerância provisória ao desprazer. (FREUD, 2006, p. 137).

Segundo Freud, o princípio do prazer constitui um dos princípios que regula o aparelho mental e que domina a psique desde o início da vida. Contudo, o princípio do prazer é substituído pelo princípio da realidade. Isso significa então que, de um ser biológico que busca a satisfação das necessidades ligadas somente à sobrevivência (princípio do prazer), o homem torna-se um ser social, animado por desejos e necessidades que ultrapassam aqueles exigidos para se manter vivo (princípio da realidade). Isso se dá porque os princípios têm ligação estreita com a organização social. Isso pode ser observado de acordo com a moralidade estabelecida, já que tais desejos podem ser satisfeitos, reprimidos, recalcados, postergados ou desviados de sua finalidade original. E é exatamente dessa mudança de princípio que vem o estado de falta.

Tais considerações podem ser observadas na narrativa clariciana a partir do registro de “não existe menstruação”. Isso – quando unido a outra passagem do romance, “... estava vibrando em puro desejo como lhe acontecia antes e depois da menstruação (LISPECTOR, 1998, p. 16) – apresenta a personagem como a mulher em pleno desejo, mesmo quando tenta negá-lo. Nesse momento em que Loreley sente a confusão de uma passagem de horas ou mil anos seguido do sentimento de falta, observa-se a presença do desejo feminino, da existência do prazer, do erotismo feminino. Contudo, há nesse mesmo registro a presença de “não há mais julgamento”; “não é um perdão que tenha vindo depois de um julgamento”. Com isso, infere-se que Clarice Lispector aproveita esse momento para apresentar uma das temáticas mais importantes da literatura feminina: a busca do prazer sem culpa. Delegadas a uma sociedade machista, escrever ou falar sobre o prazer sempre foi algo proibido à mulher. Logo, observa-se um erotismo sublimado, reprimido, incapaz de expandir em direção a um crescimento individual. Isso significa que há a dor, pois negar o que se deseja é viver a dor de não se ter o que se quer. Dessa forma, fica nítida a presença de Freud quando dos conceitos do princípio da realidade.

Passado esse momento de confusão, de ocultação de sentimentos, registra-se o contato de Loreley e Ulisses por telefone. Então, Loreley confirma a existência de sua condição ao dizer que não estava bem e o que tinha não era nada físico. Ao compreender a condição existencial de Loreley, Ulisses a aconselha a viver, apesar de

[...] uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida. Foi apesar de que parei na rua... (LISPECTOR, 1998, p. 26).

Com esse excerto, nota-se que Ulisses, como professor, propõe a Loreley que não repreenda os sentidos e ajuda-a a despir-se das aparências de um discurso tradicional e a fim de fazer renascer a mulher em sua inteireza. Esse aprendizado proposto por Ulisses foi, aos poucos sendo construído, pois “... ela já aprendera através de Ulisses. Antes ela evitara sentir. Agora ainda tinha porém já com leves incursões pela vida” (LISPECTOR, 1998, p. 34) .

Na obra de Clarice, Ulisses esperava que Loreley não se tornasse escrava da vida e para isso precisava atravessá-la sem cair em armadilhas. Pensamento semelhante a esse é o de Soren Kierkegaard (1948) que afirma ser a angústia da existência, fonte de conhecimento da condição humana. Com relação à dor, Schopenhauer atesta que ela é também um movimento de atração e repulsão, traduzido no caráter de indecisão do homem. Note-se que todos os sentimentos de confusão em Loreley são precedidos de uma indecisão de ver ou não Ulisses.

Retomando o conceito de dor e prazer, há no romance o registro de que Loreley havia cortado a dor “sem sequer ter outra coisa que em si substituísse a visão das coisas através da dor de existir” (LISPECTOR, 1998, p. 40). Isso mostra que, conforme afirmara Schopenhauer, a dor é inerente à condição humana e não se vive sem ela. Na sequência há ainda a afirmação de que Loreley, “sem a dor, ficara sem nada, perdida no seu próprio mundo e no alheio sem forma de contato” (LISPECTOR, 1998, p. 40). Esse se perder está associado a mais uma confirmação de Schopenhauer, de que o homem sozinho nada tem e não é nada. É vivendo que ele conhece e adquire os ensinamentos. É o próprio pensador quem afirma:

Na esfera do intelecto a decisão entra em cena de modo totalmente empírico, contudo, esta se produziu a partir da índole interior, do caráter inteligível, da vontade individual em seu confronto com motivos dados e, por conseguinte, com perfeita necessidade. O intelecto nada pode fazer senão clarear a natureza dos motivos em todos seus aspectos, porém sem ter condições de ele mesmo determinar a vontade, pois esta lhe é completamente inacessível, sim, até mesmo, insondável. (SCHOPENHAUER, 2007, p.377).

Observa-se com isso que, para Schopenhauer, o homem pode ter, ao longo de sua vida, algumas alterações de comportamento, mas são as suas vontades que moldam o seu caráter. E é ao longo de sua vida que ele faz as tentativas de autoconhecimento. É daí que advém todo o sofrimento.

Contudo, a narrativa de Clarice não é feita apenas de tom trágico das formulações de Schopenhauer. Após dores e hesitações Loreley começa a conhecer-se e a trabalhar com suas vontades, como se observa na sequência:

Mas era tarde: ela já ansiava por novos êxtases de alegria ou de dor. Tinha era que ter tudo o que o mais humano dos humanos tinha. Mesmo que fosse a dor, ela a suportaria, sem medo novamente de querer morrer. Suportaria tudo. Contanto que lhe dessem tudo. (LISPERCTOR, 1998, p.75).

E ainda em:

Mas o prazer nascendo doía tanto no peito que às vezes, Lóri preferia sentir a habituada dor ao insólito prazer. A alegria verdadeira não tinha explicação possível, não tinha sequer a possibilidade de ser compreendida — e se parecia com o início de uma perdição irrecuperável. Aquele fundir-se com Ulisses que fora e era o seu desejo, tornara-se insuportavelmente bom. (LISPECTOR, 1998, 122).

Ao se analisar atentamente a obra *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres* sob a perspectiva schopenhauriana e freudiana, observa-se que a autora adota uma postura muito construtiva diante dos limites da vida humana. Uma postura confirmada ao se deixar evidente que ao se estar na vida, pode-se vivê-la de forma a fazer dela algo que tenha sentido ético para si e para os outros. Assim, em Loreley, como em todo humano, o princípio de realidade desencadeia defesa contra a dor, aferrando-se a essa contingência. Loreley deixa de ser e só se redescobrirá pela mão do outro e a longa espera dos dois reflete a tessitura da condição humana. A liberdade, nesse contexto, é um princípio de ação e o homem tem de usá-la para ir se construindo como homem.

4 Considerações finais

Ao se chegar às considerações finais do estudo proposto, mesmo sabendo que a escrita de Clarice, na narrativa de *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, conduz para além do que está aqui exposto, é possível afirmar que foi traçada uma linha para adentrar no universo literário da escritora. A escritora traça, nessa obra, um mapa dos estados de sensações com uma fina percepção que adentra nas nuances da realidade, revelando ondas sutis e imperceptíveis a uma racionalidade acostumada com a organização. Pode-se dizer que ela faz uma cartografia das sensações, descobrindo um ser universal e profundamente singular soterrado na má finitude e o caminho para isso é a solidão e o outro.

Os recursos empregados pela escritora, nas palavras de Olga de Sá (1979), são recursos que, além de incluir o monólogo, verticalizam a narrativa e fragmentam a escrita

para que atinja o mundo interior. Isso se deve à estilística das sensações que rege a adjetivação pela natureza de um estilo bem pessoal de Clarice, com uma carga emocional proveniente de palavras-chave que produzem um efeito estético.

Pensar a linguagem e o Ser no texto literário de Clarice Lispector é estar em constante estado de contemplação e de atenção, pois a romancista tem uma escrita voltada para a fruição. As personagens, em sua maioria femininas, são marcadas pela reflexão interior, pelas relações conflituosas consigo mesmas e com o mundo que as rodeia, logo, é um trabalho cuidadoso que a escritora faz com a linguagem, já que esta é a via de acesso ao Ser.

Outro aspecto importante visto no estudo é a presença do silêncio. Nele é possível observar uma relação essencial entre a ação narrada e o jogo da linguagem como situação problemática da personagem que anda à busca da identidade apresentando a grande questão que atormenta o ser humano: a questão da identidade, do —quem sou eu? Isso faz com que a linguagem tematizada na obra envolva o objeto da narrativa, abrangendo o problema da existência como pode ser observado no momento em que a personagem Loreley se defronta com sua própria imagem e se questiona:

Foi depressa ao espelho para saber quem era Loreley e para saber se podia ser amada. Mas assustou-se ao se ver.
Eu existo, estou vendo, mas quem sou eu? E ela teve medo (LISPECTOR, 1998, p. 131).

Com essa passagem, observa-se uma união íntima entre existência e linguagem na perspectiva de duas questões que se entrelaçam: a identidade pessoal e o Ser. Essa problemática da existência é algo inerente à condição humana e faz-se bem presente nos romances de Clarice Lispector, enunciando um de seus aspectos estéticos. No que tange ao romance em estudo, observa-se que esses momentos de busca de si mesmo e do outro são marcados pelo silêncio.

Dessa forma, o romance de Clarice mostra-se na busca do saber, mais ainda, do saber-se, que pode ser vislumbrado na construção da linguagem, na presença do silêncio, na reflexão filosófica e psíquica, na figura das personagens Loreley e Ulisses. Logo, a consciência do esvaziamento por que passa o século XXI e que grassa em todos os aspectos, seja da vida pública ou da singularidade é revelada sem mais disfarces na obra da escritora e com uma força avassaladora.

Referências:

BOSI, Alfredo. A Interpretação da Obra Literária. In: BOSI, Alfredo. **Céu, Inferno**. Ensaios de crítica literária e ideologia. São Paulo: Ática, 1988.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. In: FREUD, Sigmund. **Obras Psicológicas de Sigmund Freud** – Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Volume 2. Trad. Luiz Alberto Hanns, Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. El malestar em la cultura. In: **Obras Completa**. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 2004.

KADOTA, Neiva Pitta. **A tessitura dissimulada: o social em Clarice Lispector**. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

KOVADLOFF, Santiago. **O Silêncio Primordial**. Trad. Eric Nepomuceno e Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LISPECTOR, Clarice. **Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MERTON, Thomas. **Na liberdade da solidão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

_____. **O Drama da Linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1995.

PIERCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Trad. de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Editora Perspectiva. Coleção Estudos, 1977.

ROBERT, Marthe. **Romance das origens, origens do romance**. Trad. André Telles. São Paulo: Cosac e Naify, 2007.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Trad. Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2007.

SCHILLER, Friedrich. **Cartas Sobre a Educação Estética da Humanidade**. São Paulo: Editora Herder, 1963.